

O texto abaixo corresponde à seguinte citação:

TEIXEIRA, José (2020). Os provérbios como janelas: modos de viver e pensar de há mais de três séculos nos provérbios sobre o vinho. In Soares, Rui & Lauhakangas, Outi (eds), *13th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs, ACTAS ICP19 Proceedings*. Tavira: AIP-IAP, 325-338. [ISBN 978-989-33-1021-2].

----- |||| -----

Os provérbios como janelas: modos de viver e pensar de há mais de três séculos nos provérbios sobre o vinho¹

José Teixeira

CEH da Universidade do Minho e
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
jsteixeira@ilch.uminho.pt

Resumo:

O *Vocabulário Portuguez e Latino* de Rafael Bluteau, foi editado entre 1712 e 1728, em 8 volumes e 2 de suplemento. Tem importância fundamental dentro da lexicologia do português porque é, verdadeiramente, o primeiro dicionário da língua portuguesa. Nesta obra encontram-se variados e abundantes provérbios portugueses nas respetivas entradas, o que possibilita que consigamos entrever os modos de viver e pensar no Portugal de há mais de três séculos.

Este texto procurará, assim, analisar os provérbios que têm a palavra “vinho” como central e evidenciar a importância central do vinho nas formas de vida e nas formas de pensar dos séculos passados, sublinhando a vertente simbólica e social que eles espelham.

Palavras chave:

provérbios, vinho, Vocabulário Bluteau, estereótipos, língua e representações sociais.

Proverbs as windows: Ways of living and thinking for more than three centuries in wine proverbs

Abstract:

The *Vocabulário Portuguez e Latino* by Rafael Bluteau, was published between 1712 and 1728, in 8 volumes and 2 supplement. It is a work of fundamental importance within Portuguese lexicology because it is truly the first dictionary of the Portuguese language. In this work we can find varied and abundant Portuguese proverbs in its entries which allows us to be able to glimpse the ways of living and thinking in Portugal for more than three centuries.

This text will seek to analyze the proverbs containing the word “wine” as central and to highlight the central importance of wine in the ways of living and in the ways of thinking of past centuries, underlining the symbolic and social aspect that they allow to mirror.

Keywords:

Proverbs, wine, Bluteau Dictionary, stereotypes, language and social representations.

1. A forma de pensar, a organização social e os provérbios

Tendo por base Hilary Putnam (1975), a partir do fim da década de 70 do século passado a noção de protótipo passa a ser usada em várias áreas das ciências sociais para tentar descrever a base das formas de concetualização que nós, enquanto seres sociais, fazemos sobre as nossas vivências.

Por vezes, esta noção de protótipo é identificada com a de estereótipo social, embora os dois conceitos possuam bastantes diferenças. Enquanto os protótipos assentam, sobretudo, nas nossas experiências do quotidiano, os estereótipos acarretam uma dimensão essencialmente pré-experiencial. Note-se, contudo, que os nossos protótipos concetuais também podem assentar em crenças e “mitos” que vamos interiorizando e não em experiências diretamente vividas (os protótipos que eu tenho de “esquiar”, “ser médico”, “ser muçulmano”, etc...). Por isso, até certo ponto, é verdade que os nossos conceitos (e, portanto, protótipos) podem ser baseados em estereótipos.

Não se simplifique, no entanto, pensando que os estereótipos não têm nunca nenhuma fundamentação experiencial e real. O facto de serem perspectivísticos (darem uma perspectiva entre várias outras possíveis) não implica que sejam completamente infundados.

Na questão da respetiva verdade ou falsidade, tanto uns como os outros (estereótipos e protótipos) decorrem de *perceções* da realidade e não da própria “realidade”. Todos os conceitos que os seres humanos elaboram são construídos com um enfoque particular em relação à realidade tal como cada um a entende e por isso toda a concetualização é perspectivística.

Como os estereótipos são “modelos de previsibilidade”, eles podem colocar balizas orientadoras na nossa forma de pensar: se alguém tiver o estereótipo “os alemães são sisudos”, ao estar perante um alemão, *em princípio*, acredita que ele não aprecie o uso do humor na forma de conversar. Pode até constatar que é o inverso que se passa num caso particular, mas isso não acarreta admitir que o seu estereótipo é falso; frequentemente leva, antes, a concluir que aquele “exemplar” não é bem representativo do conjunto do estereótipo.

Os estereótipos são, assim, uma rede concetual que leva a supor que todos os elementos possuem as propriedades prototípicas atribuídas ao grupo e, por isso, assentam nas crenças de cada um enquanto entidade social. E o aspeto da “negatividade” que se lhes atribui resulta do facto de, habitualmente, se considerar que só são estereótipos quando referem características tidas como negativas. É, no entanto, errado conceber assim os estereótipos e tornar o conceito tão redutor. Não é difícil de entender que se há crenças sociais estereotipadas sobre o que é negativo, também as há

sobre o que é considerado bom e positivo nas relações e formas de viver dos indivíduos e sociedades humanas.

A dimensão fundamental do estereótipo é social. Sem a vertente social, não se pode falar em estereótipos. E neste aspeto, é imprescindível associar ao estereótipo o conceito de "representação social" de Moscovici (1978), complementado pela aceção de Tajfel (1981/1983) de que os estereótipos sociais são concetualizações socialmente partilhadas sobre os comportamentos de certos grupos.

É neste âmbito que, na abordagem destes provérbios, usamos os conceitos de estereótipo e de representações sociais. Estas devem ser entendidas como as concetualizações dominantes, feitas numa dada comunidade humana e que são utilizadas para compreender e explicar a organização, vivências sociais e os valores aceites como positivos ou negativos (os ideais de beleza, de comportamentos sociais, o papel do homem e da mulher, etc.). Os estereótipos, complementarmente, serão as representações sociais que comportam as conceções sobre grupos humanos e os indivíduos que os compõem.

2. Os provérbios, espelhos e reforços de representações sociais

Em trabalho anterior já referimos o que consideramos serem as dimensões mais vincadas das estruturas paremiológicas:

se plasmássemos as caraterísticas mais referidas, poderíamos dizer que os provérbios são

- 1) *sabedoria,*
- 2) *transmitida em (poucas) palavras,*
- 3) *pelo povo.*

Embora a sua composição “genética” mais profunda seja o carácter popular, eles são sobretudo entendidos como feitos de saberes experienciados, *saberes corporizados*². Daí o aparecerem tão frequentemente em tantos contextos e discursos diversos, como o jornalístico, o religioso, o político para justificar pontos de vista tidos como aceites por todos e por isso inquestionáveis. Normalmente não se questiona um provérbio; não se justifica que ele é verdadeiro. Se é provérbio, parte-se do princípio que não é preciso justificar a sua veracidade: aceita-se implicitamente que é “sabedoria popular justificada pelos séculos”, pelas experiências de uma comunidade. (Teixeira 2016:52-53)

Entender os provérbios como verdades certas, comprovadas pelas anteriores gerações, leva ao reforço da faceta de os considerar modelos de quadros mentais corretos e indubitáveis. Por outras palavras, acabam sendo idênticos a representações sociais inquestionáveis. A Figura 1 (Teixeira 2016:55) representa as 3 principais dimensões atribuídas aos provérbios, e nela pode verificar-se como, no seu conjunto, estas dimensões coincidem, na essência, com os estereótipos: modelos mentais orientadores, presentes numa comunidade, vistos como baseados nas experiências quotidianas e sendo considerados como conhecimentos “do povo”.



Figura 1

Por todos estes motivos e dimensões, os provérbios fornecem preciosos registos histórico-ideológicos e podem ser usados como “objetos arqueológicos” que descrevem as maneiras de pensar e viver dos tempos em que eram usados.

3. Os provérbios sobre o vinho do *Vocabulário de Bluteau*

Esta obra (*Vocabulário Portuguez e Latino*) foi organizada e publicado pelo padre Raphael Bluteau (1638-1734), sendo usualmente identificada como “Vocabulário de Bluteau”. É visto como o primeiro dicionário da língua portuguesa, sendo composto por 8 volumes iniciais e mais dois de suplemento. Viu luz pública entre 1712 e 1721, contendo perto de 44 mil verbetes em aproximadamente 7000 páginas.

Na parte final de muitas das entradas lexicais encontra-se o complemento “Adagios Portuguezes de”, e sabendo nós que a obra começa a ser publicada em 1712, sabemos também que serão, portanto, provérbios usadas há mais de 300 anos, já que se foram recolhidos é porque tinham uso social bem assente.

No caso da entrada “Vinho”, antes, ainda, de chegar aos provérbios, na própria entrada, se começa a descrever o vinho como uma coisa “boa”, cheia de “bondade”, mesmo com poderes medicinais:

Consiste a bondade do vinho usual numa certa proporção, & união natural dos seus princípios, que no nervo da lingoa faz hũa agradável impressão, & acelerando o movimento dos espiritos animaes, alegrão o estomago, o coração, & o cerebro. [...]

Tãmbem o uso medical do vinho he muito salutar. Tem os seus espiritos faculdade para temperar os humores acidos, que no nosso corpo se ajuntão. A sua substancia penetrante lhe dà força para resistir à corrupção, & nas chagas putridas, misturado com triaga, ou cousa semelhante, he de grande alivio. Dizem alguns Medicos modernos, que até nas febres ardentes he bom o vinho, & por muito que diga o vulgo, que o vinho aquece, se pôde dar sem perigo ao febricitante. (Bluteau 1712, entrada VINHO)

Os provérbios sobre o vinho compõem um campo muito completo onde se depositam múltiplas representações sociais da comunidade da época. Nas duas tabelas seguintes identificamos as variadas e diversas temáticas que mais ressaltam:

1	natureza	1	interações sociais
2	costumes	1	hereditariedade
3	comércio	2	
4	semelhança do mal	3	falsidade
5	aparências	1	imperfeição do mundo
6	humildade	4	
7	inconstância	1	gastronomia
8	esperança	5	
9	amizade	1	importância do vinho
10	não aparências	6	
		7	perigos do vinho
		8	estrangeiros
		9	mulher

Tabela 1: Principais temáticas dos provérbios sobre o vinho (a seguir)

Entrada VINHO em Bluteau – Provérbios (Adágios)³	algumas temáticas			
1. Dia de S. Martinho, prova teu vinho.	1	15		
2. Maus vinhos, todos são uns.	2	4	15	
3. Menos vale às vezes o vinho, que as borras.	2	5		
4. O bom vinho escusa pregão.	3	6		
5. Pão e vinho, um ano meu, outro de meu vizinho.	1	7		
6. Onde alhos há, vinho haverá.	2	8	15	
7. A condição de bom vinho, como a do bom amigo.		9	15	
8. O cabedal de teu inimigo, ou em dinheiro, ou em vinho.	2	16		
9. Solas, e vinho, andam caminho.	2	16		
10. De vinho abastado, de razão minguado.	2	17		
11. O pão pela cor, e o vinho pelo sabor.		10	15	
12. O queijo de Alentejo, o vinho de Lamego.	2	15		
13. Pão e vinho, e parte no Paraíso.	2	15	16	
14. Por carne, vinho, e pão, deixo quantos manjares são.	2	15	16	
15. Quem é amigo do vinho, de si mesmo é inimigo.	2	17		
16. Quem de vinho fala, sede há.	2	11		
17. Em o verão por calma, e o inverno por frio, não lhe falta achague de vinho.	2	16		
18. Meia vida é a candeia, e o vinho é outra meia.	2	16		
19. Tenha eu pipas e cabedal, e quem quiser, vinhos e lagar.	3	11	16	
20. Vinho, nem Mouro, não é tesouro.	2	11	18	
21. Cada cuba cheira o vinho, que tem.		5		
22. Água ao figo, e à pera, vinho.	2	15		
23. A bebedor não lhe falta vinho, nem a fiandeira linho.	2	8		
24. Azeite de cima, mel do fundo, vinho do meio.	2	15		
25. A boca do fraco, esporada de vinho.	2	16		

26. <i>Pão de hoje, carne de ontem, vinho de outro verão, fazem o homem são.</i>	2	15		
27. <i>Quem se lava com vinho, torna-se menino.</i>	2	17		
28. <i>Vinho de peras, não o bebas, nem o dê a quem bem queiras.</i>	2	15		
29. <i>Se queres ser bem disposto, bebe vinho, e não já mosto.</i>	2	15		
30. <i>A mulher, e o vinho, tiram o homem de seu juízo.</i>	2	11	17	19
31. <i>Abril frio, pão e vinho, maio come o trigo, e agosto bebe o vinho.</i>	1			
32. <i>Água de S. João tira o vinho, e não dá pão.</i>	1			
33. <i>Até o S. Pedro há o vinho medo.</i>	1			
34. <i>Por S. Martinho, nem favas, nem vinho.</i>	2	15	1	
35. <i>Vinho velho, amigo velho, ouro velho.</i>	2	9	11	
36. <i>O bom vinho não há mister ramo.</i>	2	6		
37. <i>Porcos com frio, homens com vinho, fazem grande ruído.</i>	2	17		
38. <i>Jantar, tem vinho.</i>	2	15	16	
39. <i>De bom vinho, bom vinagre.</i>	2	12	15	
40. <i>Apregoa vinho, e vende vinagre.</i>	2	13		
41. <i>Vindima enxuto, colherás vinho puro.</i>	1			
42. <i>Neste mundo mesquinho, quando há para pão, não há para vinho.</i>	14			
43. <i>Nada escapa aos homens, senão o vinho que bebem as mulheres.</i>	2	11	19	

Tabela 2: Provérbios de Bluteau da entrada “vinho”

3.1. Provérbios enigmáticos

Nem sempre é fácil entender as vivências que os provérbios contêm. Uma primeira dificuldade pode surgir por incluírem palavras que a língua modificou:

O cabedal de teu inimigo, ou em dinheiro, ou em vinho

Aqui, “cabedal” não tem o significado de hoje, mas o que tinha no século XVII/XVIII, “riquezas”.⁴

Em o verão por calma, e o inverno por frio, não lhe falta achaque de vinho.

Quem não souber que a palavra “calma”, na época, não tinha o significado de hoje, mas um bem diferente, o de “muito calor”, não consegue compreender o provérbio.

Outras vezes não é suficiente compreender as palavras todas:

A boca do fraco, esporada de vinho.

Aqui “fraco” significa “doente” e “esporada” indica “Picada dada com esporas”. Como é que se deve interpretar isto? O vinho faz ativar a boca (apetite) dos fracos (doentes) como as esporas fazem “ativar”/mover o cavalo? (recorde-se como acima Bluteau referia as propriedades consideradas “medicinais” do vinho).

Onde alhos há, vinho haverá.

Quem não souber a relação entre o alho e o vinho na chamada “vinha de alho” não consegue perceber que este provérbio deve ser interpretado como uma manifestação de esperança, mesmo em situações em que parece faltar o essencial –ter apenas alhos (o mais barato) e não ter vinho (o mais importante).

Por vezes, a aparente facilidade de compreender o provérbio pode ser traiçoeira. Pode parecer que as palavras e os costumes atuais são os mesmos de antigamente. Em *Jantar, tem vinho* parece dizer-se que a refeição do final do dia era a mais importante e por isso deveria ser acompanhada com vinho. Só que “jantar” não era, como hoje, o nome com que se referia a refeição do fim do dia, mas a do meio do dia: como aparece no próprio *Vocabulário*, “JANTAR. Tomar sua refeição pellas horas do meyo dia”.

3.2. As vivências sociais de há três séculos nos provérbios do vinho

A temática do vinho é um dos melhores exemplos em que se comprova como os provérbios podem refletir as principais ideias e representações sociais de uma comunidade.

Uma das funções mais básicas que cumprem é a de servirem de marcos temporais que indicam o funcionamento da natureza, função fundamental numa época em que praticamente todas as pessoas eram analfabetas e o saber era passado por tradição oral.

Estes provérbios sobre o vinho revelam uma conceção cíclica do tempo. Este é encarado como uma realidade repetível, idêntica todos os anos, o que justifica ser condensada em afirmações de previsão do que iria certamente acontecer. Avisavam, assim, que nem todos os anos eram bons: a sorte da colheita poderia ser diferente de ano para ano:

Pão, e vinho, um ano meu, outro de meu vizinho.

Forneciam previsões do que aconteceria, indicando a relação entre as condições climatéricas e os resultados do trabalho:

Abril frio, pão e vinho, maio come o trigo, e agosto bebe o vinho.

Ao contrário do que pode parecer, este não é um provérbio de **aconselhamento**, mas de **previsão**. “*Abril frio, pão e vinho*” não significa “quando em abril está frio deve-se comer pão e beber vinho”, mas sim “quando o mês de abril é frio o ano será bom em pão e vinho”. A segunda parte é o resto da previsão que se contrapõe à primeira: (mesmo quando) *abril* (é) *frio* (e nasce muito) *pão* (trigo) *e vinho* (uvas) (às vezes o mês de) *maio come* (=destrói) *o trigo*, e (o mês de) *agosto* (destrói as uvas=) *bebe o vinho*.

À primeira leitura o provérbio implica um quadro mental simples, mas não é bem assim. Quer dizer que indícios aparentemente negativos (frio) se podem transformar em resultados positivos (o nascimento de muito trigo e muitas uvas), mas que é necessário ter muito cuidado, porque estes

indícios positivos podem terminar em resultados negativos, já que há um fator (a natureza, no verão, de maio e agosto) que não podemos controlar. Ensinando o provérbio que aquilo que parece mau pode acabar em bons resultados e o que parece fiável acabar mal, compreender este quadro mental era uma forma prática de possuir uma útil e previdente filosofia de vida.

Outros provérbios de previsão, dentro da temática, indicam o perigo da chuva do início do verão:

Água de S. João tira o vinho, e não dá pão.

Até o S. Pedro há o vinho medo.

Outros, ainda, têm as duas valências, aconselhamento e previsão, aconselhando a vindimar em dia enxuto para que o vinho seja de melhor qualidade:

Vindima enxuto, colherás vinho puro

Em

Dia de S. Martinho, prova teu vinho.

regista-se um dos provérbios sobre o vinho que mais resistiram ao tempo e que continua a ser ciclicamente usado todos os anos, por alturas de novembro. Ao dizer que se *pode provar* o vinho, o provérbio indica, não que o vinho já está no seu ponto máximo, mas que já se pode prever a qualidade que terá. Mas não quer dizer que o vinho já esteja no seu estágio ideal. Por isso, outro provérbio que aparece em Bluteau, parecendo contrariar este, deve ser visto, antes, como sua confirmação: *Por S. Martinho, nem favas, nem vinho* (as favas já estão velhas, o vinho está novo demais).

Mas não é apenas da natureza que os provérbios se ocupam. Eles são, sobretudo, fornecedores de linhas de comportamento e guias de decisão para a vida em comunidade, os “costumes”, como também de uma outra forma se pode dizer.

Isto que se pode designar como “costumes” pode referir-se a variadas coisas, com a respetiva importância na forma como se vive. E podemos nem perceber completamente a essência do que o provérbio afirma. Em *Solas, e vinho, andam caminho* adivinha-se que indica a importância do vinho para manter o desejo de caminhar: para além dos pés bem calçados (“Solas”), é preciso algo extra que torne a viagem mais agradável. Mas a importância do vinho para as viagens não era essencialmente esta. Nas mais longas (pelo oceano, que no século XVI e XVII podiam durar vários meses ou até mais de um ano) o vinho era obrigatoriamente parte dos elementos da alimentação e sobrevivência já que a água (na altura, sem qualquer tratamento químico) ficava rapidamente imbebível, esverdeada, imprópria para consumo. Era em vinho que se dissolviam os biscoitos, pequenos pedaços de farinha cozidos duas vezes (“bis coctum”) e que garantiam a sobrevivência no vasto oceano.

Naturalmente que estes provérbios também referem os “costumes gastronómicos” ligados ao vinho: não ser muito novo (*Vinho velho, amigo velho, ouro velho*); se for bom, não precisa de publicidade (*O bom vinho escusa pregão; O bom vinho não há mister ramo*); com pão e carne ser a melhor comida que há (*Por carne, vinho e pão, deixo quantos manjares são*).

O vinho representa mais do que o sumo das uvas, na medida em que se constitui como símbolo do divino (nas cerimónias religiosas) e do humano (os prazeres a ele associados). Por isso é que é referido (juntamente com o pão) quase como um equivalente terreno do Paraíso: *Pão e vinho, e parte no Paraíso*. Enquanto se está vivo e não se usufrui do futuro Paraíso divino, na vida presente, é o vinho que melhor espelha essa felicidade acreditada como futura.

Mas as funções socialmente mais marcantes dos provérbios não são as de descrever as evidências vivenciais, mas as que se podem utilizar como metáforas instrucionais. O que os provérbios querem é que se passe das evidências quotidianas para a fundamentação de valores individuais e sociais. Por isso, associam o vinho à amizade (*A condição de bom vinho, como a do bom amigo*) e indicam o principal valor que une as duas realidades, a permanência, a constância e a fidelidade durante muito tempo (*Vinho velho, amigo velho, ouro velho*).

Como todos compreendiam, quando o provérbio parecia só estar a falar de vinho estava a dizer muito mais. Facilmente se passa para o sentido metafórico (e metonímico) e o provérbio transforma-se numa filosofia de vida. Em *Menos vale às vezes o vinho que as borras* e *Cada cuba cheira o vinho que tem* o essencial não é sobre o não valor das borras ou o cheiro do vinho, mas transmitir alertas sobre a relação entre a aparência e a realidade: as pessoas acabam por mostrar aquilo que verdadeiramente são interiormente (*Cada cuba cheira o vinho que tem*) e por vezes o que parece bom revela-se como uma desilusão (*Menos vale às vezes o vinho que as borras*). Ou quando se diz que *Onde alhos há, vinho haverá* e que *A bebedor não lhe falta vinho, nem a fiandeira linho* está, sobretudo, a apontar-se para manter a coesão social e a esperança, indicando-se que embora frequentemente nos pareça que só existe uma parte do necessário para uma tarefa, o resto se há de encontrar.

3.3 Vinho e estereótipos nas relações sociais e de género

Recuando mais de três séculos, é inevitável que os provérbios sobre o vinho refletam estereótipos das sociedades rurais onde nasceram. A começar pelos estereótipos sobre os grupos humanos. Habitualmente os provérbios realçam o estereótipo de que o comportamento e a personalidade de alguém são como são por causa do grupo e da hereditariedade (*De bom vinho, bom vinagre*). É o estereótipo sobre o grupo: o indivíduo possui e evidencia todas as características

do grupo. Se o grupo é mau, então todos os indivíduos são maus e se são todos maus não há diferença entre eles. Neste caso, como o vinho é a metáfora, *Maus vinhos, todos são uns*.

Como interpretar *De bom vinho, bom vinagre*? Os descendentes de uma genealogia “boa” também são boas pessoas? Ou o quase inverso, às vezes os descendentes de alguém poderoso e rico (“o vinho”) querem que o seu poder se manifeste “avinagrando” (azedando) a vida dos outros? É que em *Apregoa vinho, e vende vinagre* significa que certas pessoas falam de coisas boas mas, na verdade, apenas acarretam consigo realidades desagradáveis.

Em *Vinho, nem Mouro, não é tesouro* estão bem evidentes os estereótipos sobre os estrangeiros e as minorias. Dentro dos provérbios que apontam os perigos do vinho, estes são comparados com os perigos que considera constituírem os “mouros”, uma minoria diferente nos hábitos e na religião. O provérbio refere que quer sobre o vinho, quer sobre os mouros não devemos pensar que o que se diz é tudo verdade. O vinho pode ser perigoso (tema muito presente abordado a seguir) e as lendas dos tesouros das mouras encantadas que se conta(va)m não eram verdadeiras⁵.

Muito previsivelmente não faltam os estereótipos sobre as mulheres. Mulheres e vinho constituem uma díade demasiadamente relevante para o imaginário masculino mediterrânico para não serem associadas ao vinho.

Nas sociedades mediterrânicas, desde gregos e romanos, a homens e mulheres eram atribuídos tipos diferentes de liberdades sexuais. Ora como o vinho era tido como um elemento favorecedor de certas ousadias, deveria ser de acesso mais restrito às mulheres. O estereótipo junta o vinho e a mulher como as causas do esquecimento da racionalidade e dos “bons comportamentos”. A culpa nunca é atribuída ao homem, que fica sem poder de decisão, fica “sem juízo”, como o provérbio explica: *A mulher, e o vinho, tiram o homem de seu juízo*.

E ainda que pareça que as mulheres bebem pouco, o provérbio revela aos enganados e indefesos seres masculinos a verdade: *Nada escapa aos homens, senão o vinho, que bebem as mulheres*. Podemos inferir que era natural considerar que as mulheres deveriam beber menos vinho do que os homens, mas que na verdade elas os conseguiam enganar: o estereótipo da mulher enganadora e perigosa, fazendo coisas às escondidas que o homem não consegue descobrir.

3.4. O vinho também pode ser um perigo

Não se pense que os provérbios só revelam as partes encantadoras do beber vinho. Apesar de toda a imagética laudatória sobre o vinho relativa ao prazer, fazendo-o partilhar do divino, não faltam provérbios que referem a respetiva faceta perigosa. Bluteau, já na entrada lexical da palavra, tinha prevenido:

o vinho bebido com demasia, offende a razão, confunde a memória, & tira o juízo; dà ao homem força brutal, & o faz peor que bruto; de sabios faz parvos, de benevolos homicidas, de castos adulteros, de pios sacrilegos, & capazes de todo o genero de desatinos.

São variados os provérbios apresentados que assumem os perigos que o vinho pode trazer:

Vinho, nem Mouro, não é tesouro

Quem se lava com vinho, torna-se menino.

A mulher, e o vinho, tiram o homem. de seu juízo.

De vinho abastado, de razão minguido.

Porcos com frio, homens com vinho, fazem grande ruído.

Quem é amigo do vinho, de si mesmo é inimigo.

Com demasiado vinho, os homens comportam-se como os animais mais desprezados (*Porcos com frio, homens com vinho, fazem grande ruído*), porque perdem a racionalidade (*De vinho abastado, de razão minguido*). Por isso, quando exagera no consumo do vinho, o mais prejudicado é o próprio homem (*Quem é amigo do vinho, de si mesmo é inimigo*). Ficando desprovidas da capacidade de autocontrolo, as pessoas podem revelar coisas que não querem. Ficam transparentes e inocentes como as crianças: *Quem se lava com vinho, torna-se menino*.

Sendo assim, ironicamente, aquilo que é negativo para o próprio até pode acabar por ser positivo para os outros:

Ainda assim, o muito vinho tem hum grande bem; he amigo da verdade. Não està a verdade dentro de um poço, metida na agoa, (como sonhou Democrito) anda a verdade boyante em taças de vinho. *In vino veritas*, (diz Plinio) O vinho he hum liquido iman, que dos ferros da vontade, & da casa do segredo, no peyto humano traz à luz do dia a verdade; he a chave, que sem dar voltas, abre o coração, & solta os pensamentos, que a dissimulação tem presos.

Portanto se, para o bêbado, a verdade é um dos perigos do vinho, este perigo acaba por ser, noutra perspetiva, um bem social, porque permite saber o que verdadeiramente o homem pensa mas dissimula. Conclusão a poder tirar-se destes provérbios: até nos perigos o vinho tem virtudes!

4. Algumas conclusões

Estes provérbios sobre o vinho, que o *Vocabulario* de Bluteau recolheu, permitem-nos abrir algumas janelas e entrever, por vezes de forma muito clara e muito elucidativa, modos de vida e de pensamento de séculos passados.

Podemos ver que a sua posse e consumo era um sinal do bem viver e de prestígio social. É-lhe atribuída uma dimensão mítica (incluindo a nível medicinal) que ultrapassa em muito as suas reais potencialidades. Vemos igualmente a importância do vinho como elemento do quotidiano, não apenas na alimentação, mas em múltiplos aspetos do viver social, desde o calendário agrícola e

atividades do trabalho ao seu estatuto simbólico de símbolo do prazer e do convívio. Conseguimos, assim, entrever também as representações sociais e estereótipos dominantes sobre minorias (mouros, por exemplo) e sobre a relação homem-mulher.

O destaque social que acarreta permite-lhe estar presente em provérbios que revelam crenças sobre a hereditariedade, a amizade, o valor dado às aparências ou a aceitação da irregularidade e inconstância da natureza e, afinal de contas, da própria vida. Contraposta à faceta mítica e quase divina que lhe é atribuída, apresenta-se também na oposta, a perigosa, a que decorre do seu consumo em excesso.

Estes provérbios deixam transparecer, igualmente, a explicação do facto de o vinho continuar a ser, na nossa cultura, ainda hoje, um elemento possuidor de profundo simbolismo. Se representa o bem e a positividade do mundo, também pode sintetizar uma filosofia sobre a respetiva imperfeição. Nada é perfeito de forma completa: *Neste mundo mesquinho, quando há para pão, não há para vinho*. Em suma, o conjunto dos provérbios sobre o vinho contém quase uma filosofia de vida completa, constituindo-se os mesmos em marcos referenciadores de formas de viver e de comportamentos que perduram até aos nossos dias.

Referências

- BLUTEAU, Rafael (1712-1728). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 10 volumes.
- Lakoff, George & Johnson, Mark (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books
- MOSCOVICI, S. (1978). *La psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF
- PUTNAM, H. (1975). "The meaning of 'meaning'", *Philosophical Papers*, Vol. 2: Mind, Language and Reality, Cambridge University Press.
- TAJFEL, H. (1981/1983). *Grupos humanos e categorias sociais* (Vol. 1 e 2). Lisboa, Livros Horizonte.
- TEIXEIRA, José (2016). "A força dos valores implícitos dos provérbios na comunicação publicitária", in Soares, Rui JB & Lauhakangas, Outi, *9º Colóquio Internacional sobre Provérbios-Actas/ 9th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs –Proceedings*, Associação Internacional de Paramiologia, Tavira, pp. 50-60.
- TEIXEIRA, José (2017) "Mais importante que a verdade: o valor argumentativo dos provérbios", in Soares, Rui e Lauhakangas, Outi (Org.), *10º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios/ 10th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Actas ICP16 Proceedings*, Associação Internacional de Paramiologia/ International Association of Paramiology (AIP-IAP), pp. 550-560.

ANEXOS

Grafia original no Vocabulário Bluteau dos provérbios na entrada “Vinho”

1. *Dia de S. Matinho, prova teu vinho.*
2. *Maos vinhos, todos são huns.*
3. *Menos val às vezes o vinho, que as borras.*
4. *O bom vinho escusa pregão.*
5. *Pão, & vinho, hum anno meu, outro de meu vizinho.*
6. *Onde alhos há, vinho haverá.*
7. *A condição do bom vinho, como a do bom amigo.*
8. *O cabedal de teu inimigo, ou em dinheiro, ou em vinho.*
9. *Solas, & vinho, andão caminho.*
10. *De vinho abastado, de razão mingado.*
11. *O pão pela cor, & o vinho pelo sabor.*
12. *O queijo de Alemtejo, o vinho de Lamego.*
13. *Pão, & vinho, & parte no Paraíso.*
14. *Por carne, vinho, & pão, deixo quantos manjares são.*
15. *Quem he amigo de vinho, de si mesmo he inimigo.*
16. *Quem de vinho falla, sede ha.*
17. *Em o Verão por calma, & o Inverno por frio, não lhe falta achaque de vinho.*
18. *Mea vida he a candeia, & o vinho he outra mea.*
19. *Tenha eu pipas, & cabedal, & quem quizer vinhos, & largar.*
20. *Vinho, nem Mouro, não he thesouro.*
21. *Cada cuba cheira o vinho, que tem.*
22. *Agoa ao figo, & à pera vinho.*
23. *A bebedor não lhe falta vinho, nem a fiandeyra linho.*
24. *Azeyte de cima, mel do fundo, vinho do meyo.*
25. *A boca do fraco, esporada de vinho.*
26. *Pão de hoje, carne de hontem, vinho de outro Verão, fazem o homem são.*
27. *Quem se lava cõ vinho, torna-se menino.*
28. *Vinho de peras, não o bebas, nem o des a quem bem queiras.*
29. *Se queres ser bem disposto, bebe vinho, & e não já mosto.*
30. *A mulher, & o vinho tirão o homem de seu juizo.*
31. *Abril frio, pão, & vinho, Mayo come o trigo, & Agosto bebe o vinho.*
32. *Agoa de S. João tira o vinho, & não dà pão.*
33. *Até o S. Pedro ha o vinho medo.*
34. *Por S. Martinho, nem favas, nem vinho.*
35. *Vinho velho, amigo velho, outro velho.*
36. *O bom vinho não ha mister ramo.*
37. *Porcos com frio, homens com vinho, fazem graõ ruido.*
38. *Jantar, tem vinho.*
39. *De bom vinho, bom vinagre.*
40. *Apregoa vinho, & vende vinagre.*
41. *Vindima enxuto, colheràs vinho puro.*
42. *Neste mundo mesquinho, quando ha para pão, não ha para vinho.*
43. *Nada escapa aos homens, senão o vinho, que bebem as mulheres.*

¹ Devido aos limites em extensão que devem ter os textos neste volume, a temática deste artigo apresenta-se com maior desenvolvimento num outro texto intitulado “‘Pão e vinho, e parte no Paraíso’: o que provérbios sobre o vinho revelam sobre modos de viver, representações sociais e estereótipos do Portugal de há (mais de) 300 anos”.

² Os provérbios, neste sentido, ilustram bem o *embodied meaning* da semântica cognitiva (Lakoff & Johnson 1999).

³ Apresentamos aqui os provérbios em grafia atualizada. A grafia original da publicação do Vocabulário Bluteau encontra-se em anexo.

⁴ Estas alterações diacrónicas podem levar mesmo à quase transformação do provérbio, como aconteceu com “Não se apanham trutas a bragas enxutas”. O arcaísmo “bragas”, por causa da sua semelhança, costuma ser confundido com “barbas” e esta última palavra costuma ser usada em vez da original. Ver, a propósito da alteração dos provérbios, Teixeira 2017.

⁵ As lendas das mouras encantadas contavam que os mouros, antes de serem derrotados pelos cristãos, enterravam os seus tesouros com a esperança de mais tarde reconquistarem as terras e recuperarem os tesouros deixados.